

CAPÍTULO 13

Envelhecimento e homossexualidade masculina em pesquisas antropológicas brasileiras: corpos, sexualidades e relacionamentos

Júlio Assis Simões

Desde a virada do milênio, em meio à crescente relevância social alcançada pelas questões de sexualidade e gênero como domínios privilegiados de autodefinição pessoal, produção de subjetividades, manifestações coletivas e reivindicações políticas, assistimos ao aumento de estudos e pesquisas nas ciências sociais brasileiras, especialmente na antropologia, sobre diversidade sexual e de gênero. Essa crescente literatura tem sido objeto de várias resenhas e balanços críticos.¹ Este capítulo é um esforço de reflexão sobre investimentos etnográficos realizados no cruzamento entre envelhecimento

1. Ver, entre outros, Grossi (2010), Simões e Carrara (2014), Debert, Simões e Henning (2016), Facchini e França (2017) e Franch e Nascimento (2020).

e homossexualidade masculina, a partir de minha própria experiência e pesquisa e da de outros pesquisadores mais jovens que se dedicaram a relacionar esses temas.

A maior parte das pesquisas tratando de homossexualidade masculina e envelhecimento que servirão de apoio a esta discussão foi realizada em grandes cidades e capitais, como São Paulo (Henning, 2014, 2016a, 2016b; Saggese, 2015, 2018; Simões, 2004, 2011, 2013), Rio de Janeiro (Mota, 2014; Soliva, 2016, 2019), Fortaleza (Paiva, 2009, 2013), Porto Alegre (Duarte, 2013; Pocahy, 2012; Seffner; Duarte, 2015) e Florianópolis (Santos; Lago, 2016). Mas há também pesquisas realizadas no “interior” (Cardoso, 2015; Passamani, 2015, 2018). Essa lista não é exaustiva: oferece uma amostra de alguns trabalhos que tiveram mais circulação. A maioria deles focalizou homens velhos acima de 50 e raramente além dos 75 anos, predominantemente identificados como brancos, com nível educacional médio e superior. A discussão que apresento é, portanto, parcialmente enviesada pelas características predominantes do perfil das pessoas pesquisadas nesse recorte, mas, como se verá, as fronteiras de sexualidade, gênero, raça e idade dos interlocutores das pesquisas não são tão rígidas como a descrição simplificada acima pode dar a entender.²

2. Pode-se ilustrar isso com o estudo de Passamani (2018), realizado nas cidades de Corumbá e Ladário, na fronteira com a Bolívia, que incluiu também uma mulher lésbica e duas pessoas trans, em que aparecem mais interlocutores de mais de 75 anos, de classe baixa, pardos e pretos. Em menor proporção, há trabalhos focalizando mulheres lésbicas (Alves, 2010; Lacombe, 2016) e travestis e pessoas trans (Sabatine, 2017; Sander; Oliveira, 2016; Siqueira, 2015), que não serão tratados neste ensaio.

O campo de estudos de diversidade sexual e de gênero é bastante fértil, mas também acidentado. Estou ciente dos problemas envolvidos com a categoria “homossexualidade”, inclusive sua aparente obsolescência em face do amplo, diferenciado e muitas vezes intratável espectro das condutas, identidades e subjetividades associadas a sexualidade, gênero e outros eixos de diferenciação. Minha própria experiência de pesquisa neste campo, que se desenvolveu a partir dos anos 2000, teve lugar em meio ao crescente processo social e político de dissolução do campo das homossexualidades em uma multiplicidade de expressões de sexualidade e de gênero, referidas por siglas móveis e mutáveis.³ Ainda assim, por questões de inteligibilidade e economia discursiva, mantenho o uso da expressão “homossexualidade masculina” para me referir a uma parte do universo das relações sexuais e afetivas entre “homens”, isto é, pessoas cisgênero cujos corpos são designados pelo sexo masculino, visto que são as experiências de envelhecimento dessas pessoas que formam o principal objeto das pesquisas aqui comentadas.

3. No momento em que escrevi este texto, o movimento social adotava formalmente o acrônimo LGBTI+ para designar lésbicas, gays, bissexuais, travestis e pessoas trans, incluindo o “I” para intersexuais e + como indicativo de abertura para outras identidades não abarcadas na sigla atual. Na comunicação convencional, inclusive na mídia, o acrônimo LGBT ainda prevalece, mas tem sido progressivamente substituído por LGBTQIA+, incluindo o Q de “*queer*” e o A de “*assexuais*”. Já se assiste também à inclusão do P de “*pansexuais*” e o N de “*não binários*”. Para mais discussões sobre as siglas e seus sujeitos, ver, entre outros, Simões e Facchini (2009), Aguião (2018), Bulgarelli (2017) e Facchini (2020). Sobre a diversificação dos espaços de sociabilidade e consumo homossexual em São Paulo nos anos 2000 em diante, ver, entre outros, Simões e França (2005) e França (2012).

O modo como essas pessoas se nomeiam em termos de sua sexualidade também varia muito (“gay”, “homossexual”, “gosto de rapazes”, “homem”). Para simplificar a comunicação, adotarei as expressões “homens homossexuais”, “homens gays” ou simplesmente “homens”, ciente de que são categorias igualmente instáveis e inconstantes.

Começo com comentários sobre a proeminência alcançada pelas questões de diversidade sexual e de gênero e com uma discussão que relaciona e problematiza enfoques sobre mudanças na experiência social da homossexualidade masculina e considerações sobre o “envelhecimento bem-sucedido” provenientes da gerontologia. Para tanto, faço uma retomada das orientações que guiaram minha própria preocupação de pesquisa, na virada do milênio, e introduzo o argumento geral de que a criação de novos significados e sensibilidades em relação às orientações sexuais e às identidades de gênero, bem como ao envelhecimento e à velhice, levam a marca de uma experiência geracional específica, historicamente circunscrita e articulada por marcadores sociais de gênero, raça e classe. Na segunda parte, destaco alguns achados de etnografias recentes que permitem abordar a complexa engenharia acionada pelas pessoas nelas retratadas para lidar com corpos, sexualidades, relacionamentos e outros desafios postos pelo envelhecimento.

Homossexualidade masculina e envelhecimento bem-sucedido

O foco antropológico em questões de envelhecimento e diversidade sexual e de gênero acompanhou a tendência

geral de aumento de interesse nas temáticas de gênero e sexualidade a partir dos anos 2000. Isso, por sua vez, está relacionado com a intensificação, nesse período, do processo de cidadanização das pessoas e coletivos longamente afetados pelos estigmas de orientação sexual e expressão de gênero (Carrara, 2015, 2016); assim como com a própria expansão do campo de ensino e pesquisa de pós-graduação em Ciências Sociais e, em particular, na Antropologia no Brasil (Simião; Feldman-Bianco, 2018).

Os precursores imediatos dessas pesquisas são estudos que vinham tematizando gênero, sexualidade e envelhecimento, desde a década anterior, sob diferentes enfoques.⁴ Desde o estudo de Mauro Brigeiro (2000, 2002) sobre os “senhores sacanas” cariocas e de meu ensaio motivado pelo encontro com os “coroas” paulistanos (Simões, 2004, 2013) até a recente coletânea que analisa e celebra as “velhices LGBT” (Baron; Henning; Ortiz, 2021), acompanhamos o florescimento de um novo campo de estudos, refletindo esse novo tema político produzido em meio ao aumento da sua evidência no campo social.

Cabe qualificar o que estou chamando de “novo tema político”. De certa forma, trata-se de um velho encanto novo. Nas pesquisas pioneiras sobre homossexualidade nas ciências sociais, como as de José Fabio Barbosa da Silva (2005 [1958]) e Carmen Dora Guimarães (2004 [1977]), homens de meia-idade apareciam entre os interlocutores. No seu influente estudo sobre prostituição masculina, Nestor Per-

4. Ver, entre outras, Debert (1999), Lins de Barros (1998), Motta (1998), Peixoto (2004) e o número *Gênero em gerações* da revista *Cadernos Pagu*, organizado por Guita Grin Debert (*Gênero [...]*, 1999).

longher (2008 [1987]) tampouco pôde deixar de tematizar a idade entre os “tensores libidinais” que conectavam os garotos de programa aos seus clientes mais velhos. O que Perlongher chamou de “dação pederástica” (p. 241) evoca uma convenção duradoura e persistente nos roteiros de parceria homossexual masculina, do mais velho como iniciador do mais jovem, dentro de uma espécie de sistema de trocas em que a juventude e a virilidade aparecem como contraprestações à série de dádivas diversas (viagens, diversões, “cultura”, socorro material etc.) proporcionadas pelos mais velhos.⁵

Os mais velhos, portanto, sempre estiveram lá, embora não no centro da atenção. No momento em que se produziram as pesquisas tidas como fundadoras do campo de estudos antropológicos sobre homossexualidade “moderna”⁶

5. O que não equivale necessariamente à prostituição. Confira este trecho do relato autobiográfico do filósofo e ativista Guy Hocquenghem (1946-1988), publicado em *Le Nouvel Observateur* em 10 de janeiro de 1972: “Estava no ginásio, tinha quinze anos e há alguns meses havia estabelecido uma ‘ligação’ com um homem muito mais velho do que eu. Senti prazer quando ele me iniciou, e ao mesmo tempo um grande orgulho. Pensava: ‘*Isto jamais aconteceu com meus irmãos e irmãs*’. Não ousava, entretanto, voltar para casa. Estava convencido de que ‘aquilo’ seria logo percebido e se tornaria um escândalo. Meu amigo tentara me tranquilizar: ‘*Você já sabe que existem coisas que não podem ser contadas para seus pais. Isto aqui não é diferente*’. Começou a me mostrar o mundo, a me levar ao teatro. Conheci outros homens que me desejavam e com os quais algumas vezes dormi. Comecei a viver duas vidas separadas. Tornava-me homossexual” (Hocquenghem, 1980, p. 23-24).

6. Tomo a expressão “moderno” da coletânea organizada por Kenneth Plummer (1981), *The making of the modern homosexual*, um marco na abordagem construcionista sustentada no argumento de que “homossexualidade” é uma ideia moderna com profundos efeitos na estruturação das experiências que envolvem relações sexuais entre pessoas “do mesmo sexo”.

no Brasil, nos anos 1970 e 1980, as redes que ocupavam a cena eram compostas predominantemente por adultos jovens na casa dos vinte ou trinta anos, muitos deles ligados às artes, ao teatro, à universidade e às profissões liberais. Para esses rapazes, era não apenas possível, mas também viável que um homem pudesse ter práticas sexuais e afetivas com outro homem sem necessariamente se fixar numa determinada posição sexual ou expressão de gênero. Eram os “entendidos”, cuja primeira descrição etnográfica apareceu no trabalho de Carmen Dora Guimarães,⁷ que acompanhou uma rede de rapazes estabelecidos na Zona Sul do Rio de Janeiro no começo dos anos 1970, apresentando-os como “*climbers* de classe média” (Guimarães, 2004 [1977], p. 27), de estilo marcado pelo “*requinte*”, que “*transavam homens*” e, assim, se distinguiam das “*bichas*” que buscavam machos viris “ativos”. Os “entendidos”,⁸ que logo passaram a

7. O trabalho de José Fabio Barbosa da Silva, de 1958, é bem anterior ao de Carmen Dora Guimarães, mas permaneceu ignorado até sua existência ser “redescoberta” pelos pesquisadores interessados no tema no final dos anos 1970, através do artigo de José Reginaldo Prandi (1979), “Homossexualismo: duas teses acadêmicas”, publicado no jornal *Lampião* em 1979. Acreditava-se que a monografia original havia se extraviado, tendo sobrado dela só um artigo, que Perlongher (2008 [1987]) citou como referência para compreender as persistências e mudanças nos territórios homossexuais do centro histórico de São Paulo entre 1960 e 1980. Em 2005, a monografia original foi localizada e publicada na íntegra (Green, 2005). A dissertação de Carmen Dora Guimarães só foi publicada em 2004.

8. Atualmente raras, as categorias “*entender*” e “*entendido*” eram populares até os anos 1970 nas cenas de sociabilidade homossexual masculina nas grandes cidades brasileiras para se referir a homens de aparência viril que podiam manter práticas homossexuais, até serem rapidamente substituídas por “*gay*” no começo dos anos 1980. Nessa acepção, são similares a “*entender*” e “*entendido*” usados na Espanha,

se chamar de homossexuais ou *gays*, seriam os expoentes do que Peter Fry rotulou de “modelo igualitário” – que viria a colonizar outros modelos locais concorrentes de conceituar relações sexuais entre homens no Brasil (Fry, 1982; Fry; MacRae, 1983).

Na perspectiva adotada por Fry e por pesquisadores que o seguiram (MacRae, 2018 [1990]; Perlongher, 2008 [1987]; Heilborn, 1996), a difusão de uma identidade homossexual ou *gay* não deveria ser tratada como mais um exemplo de dependência cultural, mas como a realização de um processo “comum a toda sociedade moderna e capitalista” sob “condições sociais específicas” (Fry, 1982, p. 108-109). A transformação de concepções de homossexualidade estaria relacionada com a reconstituição das classes médias e altas das grandes metrópoles do país, bem como com cosmologias religiosas e ideologias de raça e idade, que remetiam a

que, conforme o sociólogo espanhol Oscar Guasch, sintetizariam uma característica da cena homossexual naquele país. Guasch (1991) enfatizou que a força da categoria “*entender*” consistia em expressar a capacidade de manter relações homossexuais, independentemente da frequência ou intensidade de tais práticas e sem implicar a adoção de uma identidade distintiva a partir dessa diferença. Para Guasch (1991), ecoando algo do “sistema mediterrâneo” de Pitt-Rivers, “*entender*” e “*entendido*” expressavam um modo “latino” de conceber práticas homossexuais, estruturado pela polaridade ativo-passivo, sem envolver um sentido de identidade ou pertencimento a uma comunidade particular, portanto estruturalmente opostos ao modelo *gay*. Fry, em contraste, interpretou o “*entendido*” brasileiro como um passo decisivo na produção do “modelo igualitário” consagrador da identidade *gay*, apoiado na etnografia de Carmen Dora Guimarães e na bibliografia de sociologia e história social sobre a emergência do “papel homossexual” na Inglaterra, cujas raízes estariam nas teorias médicas e psicológicas europeias do final do século XIX sobre a diferença de natureza entre homossexuais e heterossexuais.

um contexto mais amplo de disputas políticas. Nesse sentido, essa perspectiva aparecia como “interseccional” *avant la lettre*, em sua preocupação com o modo muito particular com que diferenças e desigualdades de classe, *status*, raça, região – mas também geração e idade – podiam ser formuladas em termos da adesão mais ou menos completa a tal ou qual modelo de compreensão da homossexualidade (Carrara; Simões, 2007).⁹

Implícita, embora não desenvolvida, estava a preocupação com um incipiente confronto entre padrões geracionais distintos de socialização para a homossexualidade. Nas considerações de Edward MacRae sobre a veloz transformação dos espaços de sociabilidade homossexual rumo a um emergente mercado de consumo *gay* em São Paulo, do final dos anos 1970 ao começo dos anos 1980 (quando ainda não havia a tomada de consciência social em relação à epidemia de HIV/aids, que grassava silenciosa), já se levantava o problema de que a crescente aceitação das práticas homossexuais em espaços comerciais especializados trazia junto uma forte tendência de segregação baseada em classe, raça e idade,¹⁰ além de incitar sentimentos ambivalentes

9. A discussão de Fry poderia talvez ser lida hoje também como um esforço de acrescentar a dimensão da sexualidade e da “orientação sexual” aos eixos de desigualdade político-econômica, étnico-racial e geográfico-regional constitutivos da noção de “colonialismo interno”, nos termos de González Casanova (2007).

10. MacRae dialoga principalmente com os artigos breves e furiosos de Guy Hocquenghem (publicados em 1976 e 1977 no *Libération*) contra o “código homossexual respeitável” que o autor francês associava ao estilo *gay* estadunidense moderno. Cf. especialmente “Nem todo mundo pode morrer em sua cama” e “A fenda de Barcelona” (Hocquenghem, 1980).

de desprezo e condescendência dos jovens *gays* modernos em relação aos frequentadores do “gueto” mais tradicional (MacRae, 2005 [1983], p. 304-305).

Na cena estadunidense, que aparecia como principal referência comparativa, a segregação dos mais velhos no florescente modelo de comunidade *gay* estruturado por um estilo de vida orientado para a maximização do prazer sexual, segundo valores de juventude, beleza e consumo, era já um tema incipiente de reflexão desde o final dos anos 1960. Em seu célebre estudo sobre as condutas sexuais, John Gagnon e William Simon trouxeram depoimentos que sugeriram que homens homossexuais experimentavam a crise do envelhecimento precocemente, na passagem dos trinta ou quarenta anos, quando a percepção do declínio corporal impresso na aparência física solaparia as chances nos circuitos de sociabilidade e busca de encontros sexuais, o que poderia desencadear sintomas de depressão prolongada e ideias suicidas (Gagnon; Simon, 2005 [1973], p. 110-111). Essa reatualização da imagem sombria de horror à velhice (rastreadável pelo menos até *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde) seria frequentemente mal interpretada como um aspecto supostamente inerente e universal da homossexualidade masculina *per se* – mas Gagnon e Simon ressaltavam que ainda se sabia pouco sobre a “gestão do envelhecimento entre homens homossexuais” e sugeriam que os efeitos dessa transição dramática poderiam ser abrandados através do apoio de redes de amizade.

Paralelamente, aparecem outros estudos sugerindo que tal destino terrível de solidão e abandono não seria inevitável.

Duas ideias centrais relacionadas, a de “competência em crises” e a de “gestão do estigma”, foram mobilizadas para sugerir que as batalhas travadas na experiência pessoal de autoaceitação e de “assumir-se”, somadas ao cultivo de uma rede de relações e associações fora dos vínculos familiares, poderiam oferecer vantagens comparativas para homens homossexuais no enfrentamento das crises do envelhecimento (Berger, 1996; Berger; Kelly, 1996; Kimmel, 1978). Assim, homossexualidade poderia ser um elemento capaz de contribuir para uma experiência de velhice bem-sucedida, ou pelo menos mitigar as dificuldades enfrentadas no envelhecimento.¹¹

Já na década de 2000, ultrapassado em parte o período mais doloroso de sofrimento e morte imposto pelos primeiros anos de convivência com a epidemia de HIV/aids, quando os territórios de sociabilidade homossexual do centro de São Paulo, mapeados décadas antes por Silva (2005 [1958]) e Perlongher (2008 [1987]), voltavam a pulsar, quem os percorresse não teria dificuldade em identificar uma quantidade considerável de homens de meia-idade ou idosos, vários deles com aspecto de vovô de comercial de margarina, nas aglomerações noturnas em calçadas em frente a botequins, bares e boates. A impressão que transmitiam esses idosos não vitimizados, ativos e sexualizados contrastava vivamente com as figurações mais convencionais do envelhecimento

11. Nesse sentido, da perspectiva de uma “gerontologia positiva”, a orientação homossexual poderia oferecer vantagens comparáveis às atribuídas à etnicidade na conformação de uma experiência bem-sucedida de envelhecimento, cf. Debert (1999, p. 91-92). Para uma discussão dessas interpretações do envelhecimento entre homens homossexuais, ver Simões (2004, 2013). Para uma atualização da discussão em termos de uma “gerontologia LGBT”, ver Henning (2016a, 2016b).

homossexual como uma experiência marcada por amargura, monotonia, desdém e abandono. Entre eles, reencontrei pessoas que havia conhecido duas décadas antes, quando havia me iniciado no percurso dos circuitos homossexuais de São Paulo – o que me levou a pensar que se tratava de “entendidos que envelheceram”.

Coroa,¹² *maduro*, *paizão*, *tiozão*, termos usados no próprio universo homossexual, foram empregados por pesquisadores para designar estes homens mais velhos com apresentação viril, bem-dispostos e com recursos suficientes para frequentar espaços de sociabilidade, conhecer amigos, festejar, se divertir e tentar a sorte no mercado de paquera. Esses termos não traziam os matizes pejorativos de outros, também frequentes, como *bicha velha*, *maricona*, *cacura*. Antes, materializavam convenções de gênero e corpo que reafirmavam (mas também reinventavam) certo padrão de erotização do envelhecimento associado à imagem do homem maduro, viril, provedor e responsável. Pareciam ilustrar as hipóteses de “competência em crises”: de que era possível transformar o estigma da homossexualidade em uma vantagem comparativa ao envelhecer, mantendo certo grau de vida pública e ainda participando de redes de sociabilidade que (ainda) atravessavam parcialmente as barreiras de idade, classe e raça.

No campo da gerontologia, como mostrou Debert (1999, 2010), desenvolveram-se teorias de envelhecimento bem-sucedido que promoveram a desconstrução da velhi-

12. Na linguagem comum, “coroa” é um termo de dois gêneros atribuído às pessoas de idade avançada, com sinais visíveis de envelhecimento, a caminho da velhice. Para uma contrapartida feminina e heterossexual do termo, ver Goldenberg (2008).

ce como período de doenças, perdas e desengajamento, passando a enfatizar as vantagens e possibilidades proporcionadas pela idade avançada. A “competência em crises” pôde assim abraçar-se às ideologias da “terceira idade” ou da “melhor idade” no âmbito dos promotores da gerontologia positiva (Berger; Kelly, 1996). Difundiu-se, sobretudo, a mensagem de um “envelhecimento bem-sucedido” como meta ao alcance de todos, mediante a adoção de estilos de vida saudáveis, isto é, capazes de prolongar a juventude. Longe de promover mais tolerância para com os mais velhos, porém, esse processo de resignificação do envelhecimento tem contribuído para consagrar a juventude como um estilo de vida a ser perseguido por toda a existência. A promessa de juventude eterna torna-se premissa da organização de novos mercados de consumo para os mais velhos (Debert, 2010, p. 65-66).

Acrescente-se a isso o encontro da gerontologia com a sexologia, e a nova cruzada que ambas passam a promover contra “o mito da velhice assexuada”. O declínio da atividade sexual, relacionado à idade, passa a ser cada vez menos tolerado e reconcebido como uma espécie de alteração corporal disfuncional, passível de tratamento médico. Os saberes gerontológicos e sexológicos, seguindo um padrão recorrente de apropriação seletiva de problematizações e reflexões das ciências sociais, reelaboram a “velhice assexuada” como um “mito” (no sentido de uma ilusão socialmente construída) que reforça o estigma da velhice. “Assexuado” torna-se assim um qualificativo privilegiado para assinalar a anulação do próprio sujeito que envelhece (Brigeiro, 2002). Os espe-

cialistas em sexualidade no campo da gerontologia argumentam que a atividade sexual pode ser menos frequente com o passar dos anos, mas isso pode ser compensado pela maior intensidade do prazer sexual na idade avançada. Essa vivência mais plena e gratificante da sexualidade poderia ser alcançada mediante esforços de libertação de condicionamentos e coerções morais que permitam assumir a legitimidade do desejo sexual em qualquer idade e erotizar o corpo por inteiro (Debert; Brigeiro, 2012). Os idosos são assim interpelados a reorientar seus pontos de vista sobre sexualidade e envelhecimento, bem como a buscar auxílio farmacêutico, médico e psicológico especializado para superar o impacto das pressões sociais que os obrigaram a conformar-se com a inevitável ausência da atividade sexual e a ajustar-se a esse suposto imperativo moral.

O encontro entre gerontologia e sexologia tem um papel estratégico no processo mais geral de diluição da periodização da vida como uma sucessão de etapas: desenvolvimento (infância e juventude), estabilidade (vida adulta) e declínio (velhice); substituindo-a pela imagem de um “platô indefinidamente extenso de consumo ativo e agradável” (Featherstone, 1994). Nessa desconstrução ou “descronologização” da vida, o que importa é manter a capacidade de controle dos movimentos e funções corporais, da expressão das emoções e das faculdades cognitivas – atributos básicos que permitem que uma pessoa seja reconhecida, valorizada e levada em conta como sujeito-cidadão dotado de autonomia. A velhice torna-se, então, a falência dessas capacidades; enquanto os atributos que antes marcavam a juventude são

agora transpostos a todas as idades. Vida adulta, maturidade e velhice passam a ser experimentadas também como períodos de exploração e recomposição da identidade, abertas à reinvenção e renovação de si.¹³

As mudanças na sensibilidade em relação à periodização da vida têm sua contrapartida teórica na emergência do chamado “paradigma do curso de vida”, que confronta narrativas anteriormente prevalentes de ciclo de vida, com seus períodos bem delimitados (infância, juventude, vida adulta, velhice), questionando seus pressupostos de ordenação e a própria previsibilidade das etapas da vida. Em vez de pressupor as tarefas, desafios e questões que todos devemos enfrentar ao longo da existência, numa sequência de desenvolvimento pré-definida, trata-se de reconhecer que qualquer ponto da trajetória de vida precisa ser analisado de uma perspectiva dinâmica, como consequência de experiências passadas e expectativas futuras e de uma integração entre os motivos pessoais e os limites e possibilidades do contexto social e cultural correspondente. A ênfase aqui não é somente em continuidade e reprodução, mas nos hiatos, rupturas, improvisações e invenções que singularizam experiências etárias e geracionais (Simões, 2004, 2013).

Assim, sob contingências históricas específicas, certos grupos geracionais podem se mostrar extremamente ativos no direcionamento de mudanças de comportamento e na

13. A discussão aqui dá ênfase à sensibilidade coletiva em favor da “descronologização da vida”, mas esses argumentos apoiam-se também nas mudanças ocorridas no processo produtivo, na família e na configuração das unidades domésticas. Para uma discussão mais abrangente, ver Debert (1999), especialmente os capítulos 1 e 2.

produção de uma memória ou tradição de referência coletiva. Featherstone (1994) argumentou que os *baby boomers*, pessoas que viveram a infância e primeira juventude nas décadas de crescimento e prosperidade após a Segunda Guerra Mundial, nos países capitalistas do Norte, impuseram sua marca geracional na produção, disseminação e consumo de bens, ideias, imagens e valores associados à redefinição das etapas mais avançadas da vida. Essa foi a geração que dispôs de um leque de escolhas mais amplo no campo das experiências sensoriais, das drogas ilícitas ao relaxamento das atitudes em relação à sexualidade. Foi também a que promoveu os movimentos sociais de afirmação e libertação dos anos 1960 e 1970, o feminismo da “segunda onda” e o ativismo em torno das orientações sexuais e expressões de gênero.

Estendendo o argumento de Featherstone, é possível situar uma conexão geracional¹⁴ na articulação dos temas do envelhecimento e da diversidade sexual e de gênero. Desse modo, os modelos de desenvolvimento da identidade homossexual tornam-se a produção discursiva de um grupo geracional particular em seu esforço de constituir-se como ator coletivo. O que tais modelos evidenciam é um modo recorrente de estruturar fatos e experiências compartilhados de “revelar” e “assumir” uma identidade homossexual, que formaram uma espécie de enquadramento da memória coletiva de certa parcela de homens que viveram como adolescentes e adultos jovens nos anos 1960 e 1970.

14. A noção de conexão geracional foi definida classicamente por Mannheim (1993 [1928]) como a possibilidade concreta de participar dos mesmos acontecimentos desenvolvendo formas específicas de consciência e experiência em relação ao mundo.

A noção de curso de vida permite também pôr em perspectiva as formulações que buscaram desenhar o processo por meio do qual se poderia alcançar uma existência pessoal e publicamente reconhecida como uma pessoa “homossexual” ou “gay”, com ênfase no processo de *coming out* ou “sair do armário”. A discussão geral nesses termos foi pautada pelo influente modelo de estágios proposto por Plummer (1983), em que cada estágio do processo de formação da identidade homossexual masculina estava associado a uma determinada etapa da vida. O estágio de revelação – rebatizado depois de “subculturalização” – ocorreria tipicamente no meio ou no final da adolescência, quando os rapazes começariam a estabelecer contatos com outros rapazes e homens que se autodefinem como “homossexuais” ou “gays”. Desse modo, aprenderiam os papéis de “homossexual” ou de “gay” e passariam a definir-se como tais. O último estágio corresponderia à vida adulta, em que o indivíduo poderia se sentir tranquilo e confortável com a própria homossexualidade de modo a se comprometer com ela como um modo de vida.

Esses modelos de desenvolvimento de identidade homossexual ainda se mantêm parcialmente presos a certa concepção psicossocial de desenvolvimento progressivo: através de etapas definidas de transição, a pessoa alcança uma identidade pública em conformidade razoável com o que corresponderia a sua verdade interior, em termos de orientação do desejo e da sexualidade. Espelham também um esforço de compreender os marcos nos quais se desenvolveu o tema da “crise de identidade”, a partir da influência dos trabalhos do psiquiatra e psicanalista Erik Erikson, que

acentuavam a perda do senso de continuidade histórica, em termos de uma ruptura no processo mais amplo de transmissão cultural entre gerações.

A “crise de identidade” era uma condição atribuída com frequência à adolescência ou, mais amplamente, à juventude, imaginadas privilegiadamente como período crucial no desenvolvimento individual, em que se é obrigado a escolher um rumo a ser seguido, “mobilizando recursos de crescimento, recuperação e nova diferenciação” (Erikson, 1972 [1968], p. 14). Mas Erikson sustentou também que as gerações que cresceram nos Estados Unidos dos anos 1950 e 1960, por efeito de uma combinação de circunstâncias históricas e sociais, deixaram em grande parte de reconhecer o estilo de vida de seus pais como modelos a seguir, cultivando uma sensibilidade geracional voltada para uma combinação entre autenticidade e abertura para a mudança, em termos de uma busca de saber não apenas “quem sou”, mas também “quem posso ser” e “quem devo me tornar”. Em meio às grandes transformações sociais do mundo eura-mericano posterior à Segunda Guerra Mundial, essa nova sensibilidade coletiva teria sido uma fonte importante para impulsionar os movimentos de direitos civis e de politização da vida pessoal das décadas de 1960 e 1970, como os feminismos e a libertação *gay*.¹⁵

15. Talvez se encontre aí também as raízes do debate internacional de longa duração em torno dos sentidos e implicações das chamadas “políticas de identidade”, que atravessam e tensionam as relações dos movimentos feministas, negros, LGBT, entre outros, com os partidos e organizações “progressistas” ou da esquerda. Ver, por exemplo, Lilla (2018, p. 49-78).

Enquanto discursos políticos, orientados para a conformação de identidades coletivas e comunidades – tendo, portanto, uma dimensão normativa incontornável –, esses modelos de desenvolvimento da identidade homossexual contribuíram também para consagrar verdades supostamente fundamentais da moderna experiência *gay*, a saber: o “armário” é quase sempre um espaço inabitável; “assumir-se” e “subculturalizar” são ações imprescindíveis para não naufragar na solidão e no isolamento. Em contrapartida, pesquisas de orientação etnográfica, como veremos a seguir, evidenciam trajetórias peculiares de “construção de si”, atravessadas por formas institucionais e estruturais de produção de diferenças e desigualdades e suas modulações, que não se encaixam nos modelos de desenvolvimento psicossocial de pretensão universal. Também ajudam a problematizar as fronteiras entre práticas, sujeitos e sensibilidades das épocas de antes e depois do advento do modelo *gay*.

Corpos, sexualidades e relacionamentos: contrapontos etnográficos

Pesquisas sobre diferentes expressões de sexualidade e gênero no curso da vida estão permeadas pela preocupação comum de relacionar um passado de maior silenciamento – que, no entanto, sob certas circunstâncias, podia ser contornado e driblado – e um presente de maior evidência, embora ainda permeado de tensão e violência (Valle; Simões, 2015). Essa caracterização bastante ampla não deve ser tomada como um contraste simples entre duas temporalida-

des supostamente bem delineadas, opondo uma era de repressão e sofrimento a outra de libertação e prazer. Uma das importantes contribuições das pesquisas etnográficas sobre envelhecimento e homossexualidade, como se argumentará, reside justamente no esforço de complexificar a questão dos regimes de ocultação e evidenciação, silenciamento e discursividade das vivências e expressões não normativas de sexualidade e gênero, chamando a atenção, entre outras coisas, para as variadas estratégias de “gestão da visibilidade”¹⁶ acionadas em diferentes cenários e contextos.

Nos comentários a seguir, a partir de uma colagem de falas e temas captados nas pesquisas, chamo a atenção para os modos como se procura lidar com a velhice como um processo inevitável de declínio corporal que impõe um desengajamento crescente e afeta o lugar central que a sexualidade ocupa no senso de autonomia pessoal e de vida pública. Examino também diferentes posicionamentos e avaliações proferidas por interlocutores em relação a suas próprias ex-

16. “Visibilidade” é um termo consagrado nas políticas contemporâneas de diversidade sexual e de gênero como metáfora sensorial para conotar publicidade, presença e reconhecimento de categorias, pessoas, sujeitos e coletivos associados às expressões não normativas de sexualidade e gênero. O termo também está consagrado em expressões de caráter analítico, como “gestão de visibilidade” e “regime de visibilidade”. Em consideração à força e extensão do uso do termo, como categoria êmica, no discurso político dos movimentos relacionados às lutas de gênero e sexualidade, assim como de vários outros movimentos que buscam pôr em evidência diversas formas de estigmatização e preconceito, conservo seu uso em algumas passagens deste texto, apesar de estar ciente de suas eventuais implicações capacitistas.

periências de envelhecimento corporal, o lugar da sexualidade em suas vidas e suas percepções do “mundo gay de hoje”.

Entre os interlocutores de minha própria pesquisa (Simões, 2011), ressalta-se a visão mais amplamente compartilhada de que envelhecer é um processo inevitável de declínio corporal (“seu corpo começa a despencar, não tem como”); por isso, requer cuidados especiais para enfrentar e manejar as limitações do corpo (“saber administrar isso é que é importante”). Ao mesmo tempo, a maioria dos entrevistados viam os efeitos negativos do envelhecimento mais nos “outros” do que em si mesmos, sentindo-se “melhores” e “mais ativos” em comparação com as pessoas idosas que encontravam no cotidiano. Algumas vezes, esse sentimento de “envelhecer melhor” era atribuído a uma capacidade cultivada ao longo de uma existência agitada por um esforço de superação de obstáculos, a começar pela convivência e aceitação da própria homossexualidade, em termos que evocam a “competência em crises”:

Eu me vejo diferente. Eu me sinto mais ativo, mais atirado, mais vivo. E as outras pessoas estão tão mais abatidas, tão caídas. Eu não vejo aquilo como futuro pra mim. Acho que esse modelo de velho, para as pessoas que passaram pelo que eu já passei, ainda está para ser criado (Simões, 2011, p. 124).

Abel,¹⁷ autor da fala acima, nascido em 1945, fez parte da primeira onda do movimento homossexual brasileiro, no

17. Nome fictício.

final dos anos 1970, assim como estava entre os primeiros a militarem nas associações civis dedicadas às respostas à epidemia de HIV/aids desde meados dos anos 1980. Vivenciou o chamado “desbunde”, desfrutou da primeira eclosão do espetáculo de consumo homossexual em São Paulo e, um pouco mais tarde, já na virada dos anos 1990, descobriu-se soropositivo. Abel viveu a juventude e os primeiros anos da maturidade num cenário político e cultural comparativamente menos aberto e mais hostil à diversidade sexual, em que as expressões de homossexualidade eram mais camufladas e resguardadas. Sua trajetória política o singulariza em relação aos demais interlocutores que teve, e não surpreende que ele seja um dos principais porta-vozes do famoso mote “eu não me sinto velho”.¹⁸ Entretanto, foi também ele quem apresentou as visões mais sombrias quando refletia sobre as perspectivas do envelhecimento para os homens homossexuais. Sua visão de si e das pessoas e relações constituídas nos ambientes de sociabilidade homossexual que vivenciou é carregada de ambivalências:

As amizades entre os homossexuais são fortes, mas também são marcadas por certo humor meio maldoso, meio maldito. Acho que nós nos detestamos um pouco. À medida que a gente não aceita o que é, passa a odiar o outro também. Isso tem consequências muito grandes

18. Referência a “*I don’t feel old*”, expressão recorrentemente usada pelos interlocutores de uma famosa pesquisa analisando histórias de vida de idosos de diferentes classes sociais na Inglaterra (Thompson *et al.*, 1991), que atualmente converteu-se em frase popular, inspiradora de incontáveis memes.

ao longo da vida da gente e, obviamente, na velhice. Eu costumo dizer que o homossexual é a criatura do momento. Como ao homossexual não é dado outra perspectiva de vida como é dado aos outros segmentos da sociedade, ele pensa: vou aproveitar esse momento, porque depois não sei o que vem, não tem outra perspectiva mesmo, não vai casar, não vai ter filhos. O desejo está gritando na frente. Vai saber quando vai ter outra oportunidade. Você se joga, se joga mesmo (Simões, 2011, p. 125).

Essa fala evoca uma luta íntima, talvez nunca resolvida, pela aceitação de si; a vida em meio ao duplo padrão moral que condena as práticas homossexuais públicas enquanto as tolera em segredo (Pecheny, 2004); o lado mais ferino e maledicente da sociabilidade entre homens homossexuais; a sexualidade vivida como uma força intensa, irresistível, indisciplinável, eventualmente destrutiva. Sob vários aspectos, como argumentaria Meccia (2011),¹⁹ soa como uma fala antiorgulho: a homossexualidade como um destino de sofrimento, vergonha e silêncio, de momentos e oportunidades de prazer intenso, fugaz e culpado, sem lugar para investimentos afetivos. Abel certamente concordaria com a de-

19. Meccia (2011) elaborou uma sofisticada interpretação da transição entre o regime da "comunidade de destino homossexual", marcada por sofrimento, marginalidade e vergonha, e o que chamou de "regime da gaycidade", que envolve a construção de um senso de comunidade caracterizado pelo orgulho, a formação de um movimento político por reconhecimento e a extensão das redes de sociabilidade para além do gueto, com a consequente organização de um mercado de estilos e lugares de consumo, segmentado segundo linhas de classe e geração.

claração de um entrevistado do documentário *Bailão* (2009): “Fui educado para ser marginal, não dá para ser mocinho agora... Então, vou continuar a ser marginal”.²⁰

Como observou mais prosaicamente MacRae (contemporâneo de Abel e também seu colega de ativismo), a compartimentalização entre sexo e afeto, nessas circunstâncias, “tinha sua razão de ser” em face da “constelação de atitudes em torno da dicotomia bicha-bofe”, visto que a virilidade do parceiro “macho” estaria posta em questão no caso de qualquer relacionamento mais durável com a “bicha”. Mas, acrescentava MacRae (2005 [1983], p. 302), essa separação não só se mantinha como era reforçada na “enxurrada de estabelecimentos voltados para o mercado *gay*” que apareciam em São Paulo já no começo dos anos 1980, como as saunas, “onde as relações sexuais ocorrem entre parceiros que só se veem na penumbra ou entre nuvens de vapor”.

A separação entre sexo e afeto respondia também às pressões familiares e sociais para casar-se heterossexualmente, ter filhos, prover a família – pressões que muitos homens da idade de Abel vivenciaram como imposições incontornáveis de produção de si, como filho, marido e pai, com encargos de cuidado e responsabilidade: “Na minha época não tinha escapatória”, como sintetizou um interlocutor de Henning (2016a). Em alguns casos, essas pressões se impuseram, com os homens mantendo casamentos he-

20. O curta-metragem *Bailão*, com roteiro e direção de Marcelo Caetano, costura depoimentos curtos de homens idosos anônimos sobre a experiência da homossexualidade. O título é retirado de ABC Bailão, bar e boate do centro de São Paulo, frequentado por homens mais velhos. Passamani (2018, p. 191) também recordou esta cena.

terossexuais e famílias junto com “escapadas” ocasionais, aproveitando-se da tolerância convencional para com relacionamentos extraconjugais de qualquer espécie, desde que mantidos sob segredo, como parte dos privilégios sexuais masculinos em sentido amplo.

Outras narrativas falam de arranjos e negociações em termos do que poderíamos chamar de “gestão do armário” (Saggese, 2015), em particular no que diz respeito aos acordos instáveis para lidar com afetos e normatividades construídos nas famílias de origem (Oliveira, 2013). Nessas situações, muitas vezes a noção de “respeito” ganha destaque: “conquistar respeito”, “dar-se ao respeito” são atitudes que condicionam, de certa forma, as possibilidades de aceitação e tolerância.

É frequente que homens mais velhos tracem fronteiras em relação aos mais jovens através da noção de “respeito” e seu contrário, a “bagunça”. Essas críticas podem se dirigir ao que consideram exageros de comportamento juvenil em situações públicas, tais como manifestações ostensivas de afeto ou atitudes de “dar pinta”, como se os mais jovens desconsiderassem o potencial de reações hostis à sua volta ou ultrapassassem certos padrões morais de convivência de forma irresponsável (Saggese, 2015). Essas críticas muitas vezes tornam-se uma expressão de mágoa ou lamento pelo desprezo ou desconhecimento dos mais jovens em relação às condições restritas nas quais os mais velhos podiam vivenciar sua sexualidade no passado, ou em relação às suas contribuições para que o tempo presente de maior liberdade fosse possível (Seffner; Duarte, 2015); e podem adquirir um tom particularmente áspero quando se referem

ao comportamento supostamente leviano e inconsequente dos mais jovens em relação à prevenção do HIV/aids. Como disse um interlocutor de Henning (2014, p. 281), “as bichinhas de hoje em dia não reconhecem nem sabem o que foi aquela luta contra a aids, hoje elas têm todos os remédios e nem se importam mais se tão pegando ou passando”.

Essas prescrições de discrição, prudência, contenção e “respeito” ganham outros sentidos quando os mais velhos narram as peripécias de seu próprio percurso. Sob esse aspecto, as pesquisas feitas no “interior”,²¹ como a de Passamani (2018), tornam-se especialmente interessantes como contraponto à leitura convencional sobre a impossibilidade de vivenciar dissidências sexuais e de gênero em contextos em que as redes de relações são interconectadas, todos se conhecem e a vigilância exercida pela fofoca e o escândalo é mais estrita. Descrevendo diferentes estratégias de gestão da visibilidade de expressões de sexualidade e gênero ao longo de percursos de vida e no tempo de oportunidades e protagonismos propiciados pelas festas, Passamani pôde mostrar as potencialidades para a produção de diferenças e existências de diversidade sexual e de gênero em uma cidade de menor porte da fronteira oeste do Brasil. Ao lado das descrições que realçam a vigilância e controle exercidos através da fofoca e das ameaças de escândalo, bem como do esforço investido na conservação de uma reputação de bom

21. “Interior”, no sentido amplo que se opõe a “capital” ou “metrópole”, recobre uma pluralidade e complexidade de situações que evidentemente não podem ser reduzidas a dicotomias simples. Não há espaço aqui para tratar dessa discussão. Ver, entre outros, Domingues e Gontijo (2021).

marido (“o casamento como armário”), há o contraponto das *farras* e *carnavais*, que abalam e deslocam fronteiras e convenções.²² Na perspectiva dos interlocutores de Passamani, a “bagunça” criticada nas “novas gerações” se manifesta sobretudo na confusão de papéis envolvendo “bichas” e “machos” e na intensificação das trocas sexuais condicionadas por trocas materiais de presentes e agrados.

As narrativas e reflexões dos homens mais velhos trazem, assim, visões ambivalentes do passado e do presente. Um passado idealizado de festas e *farras*, em que tudo era permitido, desde que praticado segundo a estratégia adequada (Passamani, 2018), livre do exibicionismo consumista que aliena os mais velhos no presente (Seffner; Duarte, 2015), se confronta muitas vezes com um passado de raras boas lembranças, embaçadas por violências, sofrimentos e opressões que cerceavam anseios e projetos de liberdade, que somente se tornaram viáveis no presente (Henning, 2014; Saggese, 2015). Nostalgia nem sempre dá o tom. Alguns chegam mesmo a afirmar que suas vidas sexuais nunca foram tão animadas quanto hoje em dia, em que estão mais velhos. Pedro,²³ um interlocutor de Henning, revelou-se um entusiasta das vantagens propiciadas pelo “mundo gay de hoje”, ao qual se

22. A importância das festas e das redes de encontros sexuais como meio para a construção e manutenção de amizade e solidariedade não é uma particularidade das cidades interioranas, como mostram os trabalhos de Soliva (2016, 2019), sobre a “Turma OK” no Rio de Janeiro, e de Seffner e Duarte (2015), sobre um grupo de ajuda mútua e cuidado (“Oficina de Gente”) em Porto Alegre. Isso, por sua vez, remete à relevância das amizades como suporte afetivo, tema do qual a “gerontologia positiva” se apropria e dá grande ênfase.

23. Nome fictício.

considerava integrado, sobretudo por ter aprendido a lidar com as novas tecnologias de comunicação através da internet: “O meu tempo é agora... Antes era bom, mas era um tempo muito tenso. Já me acostumei ao mundo *gay* de hoje. Eu nunca saí com tantos caras!” (Henning, 2014, p. 227).

Valorizadas por facilitar contatos e ampliar as possibilidades de encontros sexuais, as tecnologias de comunicação em suas variadas formas (salas de bate-papo, *sites* de encontros e, mais recentemente, os aplicativos de mensagens instantâneas e de relacionamentos) são frequentemente referidas como um ponto de inflexão na vida social e sexual de homens *gays* mais velhos. Muitas vezes são amigos mais jovens que ensinam os mais velhos a se familiarizarem com as novidades tecnológicas. Em casos como o de Pedro, as tecnologias de comunicação *online* forneceram uma chave para o reingresso nos circuitos de paquera e sociabilidade do “mundo *gay* de hoje”, bem como para ampliar repertórios e possibilidades de encontros, relacionamentos e socialização. Mais do que realçar o impacto da internet em suas próprias vidas, vários interlocutores realçaram a transformação mais ampla nas dinâmicas de interação homoerótica a partir da adesão à internet, sobretudo por dispensar a frequência a bares, boates, banheiros, cinemas ou à “caçada de rua”. Não deixa de haver crítica e estranhamento ao mundo resultante do triunfo de aplicativos e *smartphones*, com seu “sexo quantitativo”, “frio”, “rápido”, “sem carinho”. Às vezes essa crítica é acompanhada, novamente, pela nostalgia dos “guetos homossexuais” de antigamente, o que também deixa expressar o sentimento de desconforto e deslocamento

que alguns experimentam em relação à moda, às músicas e a formas de performance e interação nos bares, boates e demais “espaços gays atuais”.

Vários de meus interlocutores paulistanos demonstraram um aguçado senso de observação do próprio corpo e do impacto do corpo envelhecido na sociabilidade e nas interações sociais em diversos planos. Sinais de envelhecimento são, em alguns casos, meticulosamente investigados, reconhecidos e analisados, mesmo levando em conta que rugas, cabelos brancos, calvície ou barriga podem se converter em itens de apelo erótico. O cuidado com o corpo se estende à preocupação com a postura e a aparência em geral, no que se refere à seleção e uso de roupas e acessórios, especialmente no lazer e na paquera. Com modulações, essa preocupação parece se guiar pelo esforço de encontrar um difícil meio-termo entre se mostrar “jovial” e, ao mesmo tempo, controlar performances de gênero e recursos de apresentação pessoal de modo a não atravessar os limites que podem pôr tudo a perder. Devem ter cuidado na fala e nos gestos, assim como na escolha de roupas e acessórios, de modo a não aparecerem como “cacuras ridículas” que “fazem a adolescente” (Henning, 2014). Ser referido pejorativamente no feminino, nesses casos, é o sinal ofensivo de uma performance fracassada. A jovialidade precisa ser administrada dentro de certas balizas que não sugiram descontrole, não sejam ridicularizadas nem desmoralizadas.²⁴

24. Guasch (1991) fez observações parecidas em relação aos *carrozas* na Espanha (uma espécie de equivalente dos *coroas*), lembrando que o termo (que em português pode ser traduzido por “carruagem” ou “carro alegórico”) também se aplica ao indivíduo

A discrição pode estar associada à avaliação do tipo de conduta que esses homens julgam mais adequada a si mesmos, como também à produção de um estilo de apresentação pessoal mais atraente e valorizado do ponto de vista das expectativas de contatos e trocas eróticas, as quais, deve-se insistir, são instáveis e variam conforme os contextos. Combinam-se aqui uma hierarquia estética de valorização da aparência viril e a adoção de estratégias seletivas de evidencição e ocultamento. “Coroas”, “paizões” e “tiozões” parecem ser mais valorizados no mercado da paquera na medida em que sejam capazes de desempenhar e manter apresentações corporais e performances de gênero que componham imagens de virilidade, autocontrole e confiança.

As parcerias homoeróticas intergeracionais que emergiram em diferentes pesquisas (Cardoso, 2015; Paiva, 2009; Pasamani, 2018; Pocahy, 2012; Simões, 2011) sugeriam uma dinâmica de relacionamentos conforme um roteiro que realça os mais velhos como proporcionadores de uma série diversa de contraprestações materiais e simbólicas, tais como levar a restaurantes, cinema, teatro, exposições e espetáculos em geral, oferecer pequenos presentes e até mesmo suporte a outras pessoas com quem o mais jovem mantém relações de parentesco e convivência. Acompanhei um interlocutor que dava suporte material à filha de um ex-amante seu mais jovem, e

que incorpora posturas e vestimentas associadas aos jovens numa tentativa inútil de parecer mais atraente: “As atitudes juvenis dos *carrozas* são vistas como ridículas e condenáveis, porque mostram o possível futuro de qualquer homem homossexual. Em geral, são referidos na forma masculina: *el carroza*. Quando se quer que o termo soe ofensivo ou pejorativo, usa-se o feminino: *la carroza*” (p. 94-95, tradução minha, grifo no original).

era tratado pela garota afetuosamente como “tio”. Outro entrevistado em minha pesquisa era reconhecido pela esposa e filhos de um ex-amante mais jovem como “amigo da família”, com quem podiam contar nas horas de aperto financeiro.

Mesmo nas trocas sexuais mais claramente mediadas por dinheiro, como as que aconteciam em saunas frequentadas por *boys*²⁵ ou garotos de programa (conhecidas em São Paulo como *saunas de michê*), a distância entre gerações parece ser um fetiche sinalizador de algo mais do que a condição financeira do cliente. Não é incomum que encontros circunstanciais resultem em “programas fixos” ou “casos” mais ou menos duráveis. O cliente mais velho que se torna “programa fixo” é certamente um mantenedor, que pode arcar com despesas do *boy* e oferecer várias formas de dívida, dentro ou fora das saunas, por um determinado período da vida de ambos. Há histórias de clientes e garotos de programa que “estabelecem relações antigas de fidelidade profissional, envelhecendo juntos” (Pocahy, 2012, p. 146) em relacionamentos que envolvem afeto e sentimentos de parte a parte (Santos, 2012).²⁶

Levando tudo isso em conta, conforme argumentei em outro trabalho (Simões, 2011), pode-se dizer que o problema para os mais velhos, nos diversos circuitos de sociabilidade

25. *Boy*, no uso mais corrente pelas gerações jovens, perde a conotação de “garoto de programa”, tendo o sentido geral de rapaz, namorado ou “ficante”.

26. Passamani (2018, p. 177-211) traz um relato vívido da formação de parcerias intergeracionais “nas calorosas noites de Corumbá e Ladário”, onde não há estabelecimentos como saunas, mas não faltam criatividade e estratégias para manter encontros e relacionamentos intergeracionais similares aos descritos acima.

que estamos enfocando, não é tanto a falta de interesse dos mais jovens, mas a necessidade de administrar esse interesse e manter algum controle para que o relacionamento não transborde os acordos e contratos tácitos estabelecidos. Ser “masculino” e “discreto” parece ser também uma maneira de se proteger desses riscos, ainda que essa forma de proteção implique seus próprios riscos. Faz parte desse código de masculinidade pagar as despesas quando se está com um jovem acompanhante. Pagar a despesa parece ser uma forma de mostrar independência, de atrair o interesse do mais jovem e manter o controle da situação. Mas é também a atitude que deixa o mais velho sujeito a formas de exploração material. Das transações cotidianas eventualmente percebidas como exploração provêm as suspeitas sobre as reais intenções do parceiro jovem, assim como as acusações dirigidas a este, de falta de reconhecimento, de insensibilidade ou de egoísmo. Uma estratégia para lidar com isso é cultivar uma percepção permanentemente sintonizada (e muito difícil de se manter) do efeito das desigualdades sociais nos rumos de um relacionamento, que ultrapassa considerações sobre caráter e intenções individuais.

De todo modo, é generalizada a percepção de que, para obter companhia jovem, os mais velhos precisam lançar mão de uma variedade de dádivas. Muitas dessas relações que envolvem afeto e materialidade não podem ser traduzidas por meio de um simples contrato de prestações sexuais. Quando sexo e dinheiro (e agrados, presentes etc.) estão intimamente conectados, o amor pode estar mais entranhado nas relações sociais, estruturando-as e se convertendo em

lugar de negociações e disputa. São situações que articulam desejos, carências e dependências, próprias de cenários de grande desigualdade econômica, mas que também os extrapolam. Eventualmente, desencadeiam conflitos dramáticos, levando à violência e até a morte, fazendo do mais velho a vítima. Homossexuais mais velhos são frequentemente assimiláveis à condição de potenciais “vítimas do desejo” (Carrara; Vianna, 2004), levados por uma mistura de solidão, melancolia, compulsão e lascívia a experimentar situações de violência e perigo de morte.

Se o envelhecimento impõe um reajuste da vida sexual e do prazer erótico, as pesquisas aqui comentadas realçam também o esforço dos homens mais velhos de conservar viva sua sexualidade. Mesmo que praticamente todos reconheçam que é impossível “manter aquele fogo de antes”, que envelhecer implica inevitavelmente “maior tranquilidade”, a perspectiva de um apagamento definitivo da vida sexual e do prazer erótico equivale a vislumbrar com aflição uma irremediável volta ao armário, o fim de toda a autonomia pessoal, sob os cuidados e a vigilância da família ou do asilo.

Notas finais

Vários dos aspectos tratados nas etnografias que se debruçaram sobre o envelhecimento de homens homossexuais ecoam temas e questões postas por estudos realizados em outros contextos históricos e culturais (Berger, 1996; Guasch, 1991; Meccia, 2011). Se a ligação entre mais velhos e jovens há muito ocupa um lugar nos roteiros de parcerias homos-

sexuais entre homens, o campo de possibilidades e atuações dos mais velhos foi certamente reconfigurado pelas transformações que levaram à consagração do chamado modelo *gay*, com seu orgulho, sua estética, seus estilos de gosto e consumo, sua ênfase em juventude e virilidade, sua demanda inesgotável por mais e múltiplas formas de interações, trocas e prazeres eróticos. Por outro lado, as pesquisas etnográficas aqui examinadas suspendem, até certo ponto, a preocupação (certamente valiosa) de demarcar fronteiras entre grandes configurações históricas, culturais e políticas (do “pré-*gay*” ao “*gay*”, da “homossexualidade” à “gaycidade” etc.). Estão também menos comprometidas a dar respostas categóricas sobre os efeitos das orientações sexuais e expressões de gênero na experiência de envelhecimento (e vice-versa). Trazem, assim, o frescor do conhecimento situado e intensivo, que resiste às sínteses teóricas, mas ilumina itinerários, trânsitos e deslocamentos que possibilitam refinar, complexificar e repositonar o alcance das grandes interpretações.

As etnografias mostram que os mais velhos nem se conformam com o canto afastado e escuro a que supostamente deveriam se recolher, nem desempenham propriamente qualquer roteiro prefigurado de resistência ou de envelhecimento bem-sucedido. Tentam apropriar-se, como podem, das novas tecnologias de busca por encontros e relacionamentos, mas desconfiam das promessas das tecnologias de manutenção corporal e seguem cientes de que têm que se oferecer através de constantes e variados presentes, prendas, regalos, mimos e favores para atrair ou cativar parceiros e amantes. Para os mais velhos, constrangimentos de fadiga,

debilidade e adoecimentos concorrem e, muitas vezes, se sobrepõem à perseguição de desejos, gozos e prazeres, aos quais não pretendem renunciar enquanto puderem. Atentos ao implacável declínio físico, temem encarar o enclausuramento irreversível no armário do ostracismo e da dependência. Movimentam-se por limiares arriscados, entre a complacência e o engodo, a ousadia e o ridículo, a aventura e o perigo, a diversão e o drama.

Outro aspecto interessante destas pesquisas é que resultaram frequentemente da interação de pesquisadores jovens com interlocutores idosos, produzindo um tipo de reflexão colaborativa com uma marca intergeracional. O interesse na descrição detalhada das interações e das formas de comunicação mobilizadas em situações e encontros movimentam esforços recíprocos de compreensão e comparação, que desafiam e renovam as perspectivas de pesquisadores e de seus interlocutores. É mais um movimento na reflexividade entre conhecimento científico, subjetivação e política que caracteriza as relações entre antropologia e diversidade sexual e de gênero nestas plagas.

Referências

AGUIÃO, Silvia. *Fazer-se no "Estado": uma etnografia sobre o processo de constituição dos "LGBT" como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

ALVES, Andrea M. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 213-233, 2010.

BAILÃO. Direção: Marcelo Caetano. São Paulo: Paleo TV; Brasília, DF: Secretaria de Audiovisual/MinC, 2009. (16min).

BARON, Luís; HENNING, Carlos E.; ORTIZ, Sandra R. M. (org.). *O brilho das velhices LGBT: vivências e narrativas de pessoas LGBT 50+*. São Paulo: Hucitec, 2021.

BERGER, Raymond. *Gay and gray: the older homosexual man*. Binghamton, NY: Harrington Park Press, 1996.

BERGER, Raymond; KELLY, James. Prologue: gay and gray revisited. In: BERGER, Raymond. *Gay and gray: the older homosexual man*. Binghamton, NY: Harrington Park Press, 1996. p. 1-22.

BRIGEIRO, Mauro. Envelhecimento bem-sucedido e sexualidade. In: BARBOSA, Regina *et al.* (org.). *Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva*. Campinas: Ed. Unicamp, 2002. p. 171-206.

BRIGEIRO, Mauro. *Rir ou chorar?: envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina*. 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

BULGARELLI, Lucas. *[ALERTA TEXTÃO] Estratégias de engajamento do movimento LGBT de São Paulo em espaços de interação online e offline (2015-2016)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CARDOSO, Wladirson. Antropologia do cotidiano e da experiência envelhecete – ou para se pensar “homossexualidade masculina” e “envelhecimento gay” a partir de Soure (Marajó/Pará). *Bagoas*, Natal, v. 9, n. 13, p. 83-106, 2015.

CARRARA, Sérgio. A antropologia e o processo de cidadanização da homossexualidade no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 47, p. 445-482, 2016.

CARRARA, Sérgio. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 323-345, 2015.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio A. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 65-99, jan./jun. 2007.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. As vítimas do desejo: os tribunais cariocas e a homossexualidade nos anos 1980. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria F.; CARRARA, Sérgio (org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 365-383.

DEBERT, Guita G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 49-70, 2010.

DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1999.

DEBERT, Guita G.; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27 n. 80, p. 37-54, 2012.

DEBERT, Guita G.; SIMÕES, Júlio A.; HENNING, Carlos E. Entrelaçando gênero, sexualidade e curso da vida: apresentação e contextualização. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 3-12, 2016.

DOMINGUES, Bruno; GONTIJO, Fabiano. Como assim, cidade do interior? Antropologia, urbanidade e interioridade no Brasil. *Ilha*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 61-83, 2021.

DUARTE, Gustavo. *O "bloco das Irenes": articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educa-

ção, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972 [1968].

FACCHINI, Regina. De homossexuais a LGBTQIAP+: sujeitos políticos, saberes, mudanças e enquadramentos. In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora L. (org.). *Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo*. Campinas: Ed. Unicamp, 2020. p. 31-69.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora L. Estudos de gênero no Brasil: 20 anos depois. In: MICELI, Sergio; MARTINS, Carlos B. (org.). *Sociologia brasileira hoje*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017. p. 283-357.

FEATHERSTONE, Mike. O curso de vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: DEBERT, Guida G. et al. *Antropologia e velhice (textos didáticos)*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1994. p. 49-71.

FRANÇA, Isadora L. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

FRANCH, Mónica; NASCIMENTO, Silvana. A produção antropológica em gênero e sexualidades no Brasil na última década (2008-2018). *BIB*, São Paulo, n. 92, p. 1-29, 2020.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-115.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GAGNON, John; SIMON, William. *Sexual conduct: the social sources of human sexuality*. New Brunswick: AldineTransaction, 2005 [1973].

GÊNERO em gerações. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 13, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Colonialismo interno (uma redefinição). In: BORON, Atilio; AMADEO, Javier; GONZALEZ, Sabrina (org.). *A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas*. São Paulo: Clacso, 2007. p. 431-458.

GREEN, James. Em busca do tesouro. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. p. 17-24.

GROSSI, Miriam P. Gênero, sexualidade e reprodução. In: DUARTE, Luiz F.; MARTINS, Carlos B. (org.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: Barcarolla, 2010. p. 293-340.

GUASCH, Oscar. *La sociedad rosa*. Barcelona: Anagrama, 1991.

GUIMARÃES, Carmen D. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004 [1977].

HEILBORN, Maria L. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina (org.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 136-145.

HENNING, Carlos E. Is old age always already heterosexual (and cisgender)? The LGBT gerontology and the formation of the "LGBT elders". *Vibrant*, Brasília, DF, v. 13, n. 1, p. 132-154, 2016a.

HENNING, Carlos E. Na minha época, não tinha escapatória: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 46, p. 341-371, 2016b.

HENNING, Carlos E. *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

KIMMEL, Douglas. Adult development and aging: a gay perspective. *Journal of Social Issues*, v. 34, n. 3, p. 113-130, 1978.

LACOMBE, Andrea. Negociaciones posibles: visibilidad, vejez y parentesco entre mujeres que mantienen relaciones sexo-afectivas con otras mujeres. *Vibrant*, Brasília, DF, v. 13, n. 1, p. 102-114, 2016.

LILLA, Mark. *O progressista de ontem e o do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LINS DE BARROS, Myriam M. (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"*. Salvador: Edufba, 2018 [1990].

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005 [1983]. p. 291-308.

MANNHEIM, Karl. El problema sociológico de las generaciones. *REIS: revista española de investigaciones sociológicas*, n. 62, p. 193-242, 1993 [1928].

MECCIA, Ernesto. *Los últimos homosexuales*. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

MOTA, Murilo P. *Ao sair do armário, entrei na velhice*: homossexualidade masculina e o curso da vida. Rio de Janeiro: Móbile, 2014.

MOTTA, Flávia M. *Velha é a vovozinha*: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998.

OLIVEIRA, Leandro. *Os sentidos da aceitação*: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PAIVA, Cristian. Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Bagoas*, Natal, v. 3, n. 4, p. 191-208, 2009.

PAIVA, Cristian. Protagonismo erótico, classificações e formas de sociabilidade de gays idosos. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 44, n. 1, p. 74-108, jan./jun. 2013.

PASSAMANI, Guilherme. *Batalha de confete*: envelhecimento, condutas homossexuais e regimes de visibilidade no Pantanal-MS. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

PASSAMANI, Guilherme. Farras, fervos e shows: um kairós de protagonismos e infortúnios no Pantanal-MS. *Bagoas*, Natal, v. 9, n. 13, p. 108-132, 2015.

PECHENY, Mario. Identidades discretas. In: RIOS, Luís Felipe et al. (org.). *Homossexualidade*: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Abia, 2004. p. 16-33.

PEIXOTO, Clarice E. (org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008 [1987].

PLUMMER, Kenneth (org.). *The making of the modern homosexual*. London: Hutchinson, 1981.

PLUMMER, Kenneth. Tornar-se *gay*: identidades, ciclos de vida e estilos de vida no mundo homossexual masculino. In: HART, John; RICHARDSON, Diane (org.). *Teoria e prática da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 127-150.

POCAHY, Fernando. “Vem, meu menino, deixa eu causar inveja”: ressignificações de si nas transas de sexo tarifado. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 122-154, 2012.

PRANDI, Reginaldo. Homossexualismo: duas teses acadêmicas. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 17, abr. 1979.

SABATINE, Thiago T. *Só as fortes sobrevivem!:* envelhecimento, experiências geracionais e relações entre travestis mais velhas e mais jovens. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SAGGESE, Gustavo S. R. *Entre perdas e ganhos: homossexualidade masculina, geração e transformação social na cidade de São Paulo*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SAGGESE, Gustavo S. R. O espaço é cada vez mais aberto: territórios, sociabilidades e temporalidades entre homens homossexuais na cidade de São Paulo. In: SAGGESE, Gustavo S. R. et al. (org.). *Marcadores sociais da diferença*. São Paulo: Terceiro Nome, 2018. p. 117-136.

SANDER, Vanessa; OLIVEIRA, Lorena H. Tias e novinhas: envelhecimento e relações intergeracionais nas experiências de travestis trabalhadoras sexuais de Belo Horizonte. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 69-81, 2016.

SANTOS, Daniel K.; LAGO, Mara S. Heterotopias of (un)desirable bodies: homoeroticism, old age and other dissidences. *Vibrant*, Brasília, DF, v. 13, n. 1, p. 115-131, 2016.

SANTOS, Elcio N. *Amores, vapores, dinheiro*: masculinidades e homossexualidades nas saunas de michês em São Paulo. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SEFFNER, Fernando; DUARTE, Gustavo. E quando não há muito mais a guardar no armário? Homossexualidades e processos de envelhecimento. *Bagoas*, Natal, v. 9, n. 13, p. 57-82, 2015.

SILVA, José Fábio B. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005 [1958]. p. 39-212.

SIMIÃO, Daniel; FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *O campo da antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: ABA, 2018.

SIMÕES, Júlio A. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. In: TRENCH, Belkis; ROSA, Teresa E. C. (org.). *Nós e o Outro*: envelhecimento, reflexões, prática e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011. p. 119-138.

SIMÕES, Júlio A. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades homossexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria F.; CARRARA, Sérgio (org.). *Sexualidade e saberes*: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 415-447.

SIMÕES, Júlio A. Male homosexuality and the life course: thinking about age and sexual identities. In: SIVORI, Horacio *et al.* (org.). *Sexuality, culture and politics: a South American reader*. Rio de Janeiro: Cepesc, 2013. p. 260-282.

SIMÕES, Júlio A.; CARRARA, Sérgio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 75-98, 2014.

SIMÕES, Júlio A.; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Júlio A.; FRANÇA, Isadora L. Do gueto ao mercado. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. p. 309-333.

SIQUEIRA, Monica. Caminhando como senhoras: interações sociais e performatividade de gênero de travestis idosas na cidade do Rio de Janeiro. *Bagoas*, Natal, v. 9, n. 13, p. 151-174, 2015.

SOLIVA, Thiago B. Nas tramas da amizade: tensões e limites da sociabilidade em um grupo de homens homossexuais mais velhos, a Turma OK. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 43-56, 2016.

SOLIVA, Thiago B. Sobre afetos e resistências: uma análise da trajetória da turma OK. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 57-80, 2019.

THOMPSON, Paul *et al.* (org.). *"I don't feel old": the experience of later life*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

VALLE, Carlos G.; SIMÕES, Júlio A. Diversidade sexual e de gênero, memórias e envelhecimento. *Bagoas*, Natal, v. 9, n. 13, p. 17-30, 2015.